**EMPODERAMENTO E ATIVISMO EM REDE NO FEMINISMO DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA**

Marina Prado Gomes, EFLCH - UNIFESP

Lucila Maria Pesce de Oliveira, EFLCH - UNIFESP

**Resumo:** Este estudo investiga o impacto do movimento feminista de mulheres com deficiência no empoderamento através das redes sociais. Analisa um coletivo público online, abordando temas como ativismo, empoderamento e educação não-formal. Utiliza análise documental e de conteúdo, incorporando teorias de redes sociais digitais, feminismo e empoderamento freiriano. Os resultados indicam que as redes sociais fortalecem o grupo, facilitando a disseminação de conhecimento e o exercício da cidadania. Essa pesquisa amplia a compreensão do papel das redes sociais no empoderamento feminino com deficiência dentro do movimento feminista.

**Palavras-chave:** Ativismo em rede; Empoderamento freiriano; Mulheres com deficiência; Processos Formativos.

**Introdução**

Este texto oriundo de uma pesquisa de mestrado em educação desenvolvido na Universidade Federal de São Paulo, destaca as profundas transformações provocadas pelas tecnologias digitais nos grupos sociais e o uso das redes. Sob a influência dessas tecnologias, as interações sociais, a produção e o acesso ao conhecimento passaram por significativas mudanças.

A ascensão das redes sociais digitais emerge como um fenômeno, redefinindo as interações sociais e oferecendo novas formas de ativismo. Movimentos sociais utilizam essas plataformas para organizar ações coletivas, transcendendo fronteiras espaciais e temporais tradicionais.

A pesquisa em questão concentra-se no estudo de um grupo específico: o Coletivo Público Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência, que aborda questões muitas vezes excluídas de movimentos feministas mais amplos. O texto destaca a importância das redes sociais para grupos marginalizados, como o das mulheres com deficiência, proporcionando um espaço de luta e reivindicação diante da falta de visibilidade na mídia convencional.

A invisibilidade das mulheres com deficiência nos movimentos sociais é destacada como um desafio a ser enfrentado, evidenciando a necessidade de reconhecimento e inclusão. A pesquisa busca compreender como o Coletivo Feminista Helen Keller utiliza as redes sociais digitais para promover empoderamento e processos formativos das mulheres com deficiência. A análise de conteúdo dos comentários e publicações da página do Coletivo, juntamente com a análise documental do Guia "Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania" (2020), são as abordagens metodológicas utilizadas para explorar essas dinâmicas.

**Redes online e feminismos**

No atual contexto, as plataformas digitais permitem uma rápida produção, consumo e distribuição de informações, mas também possibilitam ataques como disseminação de ódio e fake news. É importante reconhecer que “[...] a cibercultura precisa ser vista em sua ambivalência” (Rüdiger, 2011, p. 69; Lapa et al., 2015, p. 2). Se tratando do uso das redes sociais para a divulgação de conhecimento, informação e produção de conteúdo, a rede garante um amplo espaço de possibilidades. Porém, é importante levar em consideração os ataques que a rede também permite, como é o caso da disseminação de mensagens de ódio, de *fake news* etc.

Mas, as redes sociais também podem se tornar espaços de formação pública, conforme apontado por Lapa, Coelho e Schwertl (2015), facilitando a construção de narrativas e identidades, e promovendo conexões entre grupos sociais, como destacado por Rodrigues e Paz (2019), incluindo minorias que encontram nesses espaços uma voz e plataforma para debates públicos. O uso das redes sociais como espaços de debate e troca amplia o conhecimento e processos educativos, relacionando-se com práticas de educação não-formal.

Após estudos sobre os feminismos, suas vertentes e epistemologias, ressalta-se que neste texto serão apresentados os estudos que envolvem os feminismos e as redes sociais.

A quarta onda do feminismo, marcada pela reflexão sobre experiências diversas e pela utilização de tecnologias digitais, destaca-se pelo ativismo *online*, especialmente nas redes sociais.

[...] pela reflexão e a consciência sobre as diferentes experiências das mulheres a partir da articulação de gênero com outros marcadores sociais, como raça e classe (podemos chamar de feminismos da diferença), assim como perpassada por novas formas de organização, mais autônomas e horizontais, e impulsionada pelo uso das tecnologias digitais. (Glossário Valente, n.d., p. 4).

Com relação aos movimentos que envolvem mulheres com deficiência, segundo Ferri e Gregg (1998 citado por Mello, 2014, p. 27) “[...] as mulheres com deficiência têm sido historicamente negligenciadas tanto pelos movimentos feministas quanto pelos movimentos de pessoas com deficiência”.

De acordo com a pesquisa da autora Mello (2014), a relação entre mulheres com deficiência e os movimentos feministas possuem diferentes perspectivas. Para a autora, existem estudos que abordam a ideia de que, para que haja uma inclusão das mulheres com deficiência aos movimentos feministas, deve ser compreendida pelos movimentos feministas a visão de que, além dos marcadores sociais como classe social, orientação sexual, raça e etnia, a deficiência e o gênero promovem outras formas de opressão.

Nessa constante desconstrução é necessário e fundamental compreender a importância de lutar contra a opressão e a invisibilidade de pessoas e mulheres com deficiência. Essa visão enxerga a importância de não “rotular” as pessoas por suas deficiências, mas sim como pessoas que têm alguma deficiência e, da mesma forma, assim como pessoas sem deficiência, fazem parte de uma classe social, gênero, raça etc., possuem outros marcadores além da deficiência, é claro.

**De que empoderamento estamos falando?**

Paulo Freire em diálogo com Ira Shor, no livro *Medo e Ousadia: O cotidiano do professor* (2021), trata a respeito do empoderamento como ação social, que gera uma transformação coletiva, diferentemente do empoderamento individual.

[...] Mesmo quando você se sente individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação global da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade. (Freire & Shor, 2021, p. 187)

É através do diálogo, da interação com o outro que as trocas ocorrem e que as transformações surgem. Segundo Paulo Freire e Ira Shor (2021), o diálogo permite a emergência do pensamento crítico. “Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade.” (Freire & Shor, 2021, p. 170).

O empoderamento freiriano representa a ideia de ações de fortalecimento de grupos sociais, sempre trazendo a ideia do coletivo e do social, para muito além das transformações individuais.

Considera-se, portanto, após versar sobre as contribuições advindas dos estudos para a construção da dissertação de mestrado acadêmico da qual este artigo advém, que o empoderamento freiriano se adequa aos estudos e à análise da pesquisa em tela, pelo foco na transformação social, numa ação coletiva, de um movimento feminista de mulheres com deficiência.

**Procedimentos metodológicos**

No que diz respeito à dimensão metodológica, a pesquisa ampara-se nos princípios e pressupostos da abordagem qualitativa, visando à construção de dados por meio das palavras (Pesce & Abreu, 2013). Do ponto de vista tipológico, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória que visa a proporcionar maior familiaridade com o tema (Gil, 2002). As formas de análise se estabelecem de forma mista, por meio da análise documental do Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de direitos para o exercício da cidadania” e por meio da análise de conteúdo das publicações do Coletivo (aberto) Feminista Helen Keller na rede social *Instagram*.

***Corpus* de análise**

O *corpus* de análise da pesquisa foi o perfil no *Instagram* (@coletivohelenkeller) do Coletivo Feminista Helen Keller, coletivo feminista aberto de mulheres com deficiência e o Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania” (2020) produzido pelo Coletivo.

**Considerações finais**

Considerou-se, após a análise na pesquisa do qual este artigo emana, que o Coletivo em questão produz conteúdo de caráter informativo, formativo e construtivo para as mulheres com deficiência, tanto na rede social, na página aberta, quanto no Guia publicado digitalmente. Nesse movimento, o grupo possibilita espaços de formação e construção coletiva, com o objetivo de lutar em prol de uma transformação social (Freire & Shor, 2021), reivindicando seus direitos e lutando pela garantia destes, bem como construindo em conjunto ações e articulações que levem em consideração as injustiças e os preconceitos vivenciados pelas mulheres com deficiência. Tais ações assumem um movimento diametralmente oposto à semiformação (Adorno & Horkheimer, 1985), infelizmente tão usual em outras formas de uso das redes sociais digitais.

Considera-se, portanto, que o Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência se propõe a desenvolver ações que pontuem as causas de mulheres feministas com deficiência no mundo digital, demonstrando que o uso das redes sociais digitais, enquanto espaços de educação não-formal (Gohn, 2007), por movimentos sociais, permite a ampliação de conhecimento e de processos formativos, em organização coletiva.

Desta maneira, concluiu-se que plataformas e recursos digitais, quando utilizados por grupos sociais em uma perspectiva crítica e emancipadora, podem contribuir, como espaços constituintes de ambiências formativas, para o empoderamento de grupos sociais.

**Referências**

Gil, Antonio Carlos. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa.* (4a ed.). Editora Atlas.

Glossário Valente. (2023). Portal Catarinas. *Revista Valente*. <https://www.sinjusc.org.br/site/wp-content/uploads/2020/12/glossa%CC%81rios-1-2-e-3_digital.pdf>

Gohn, Maria da Glória. (2002). *Não-fronteiras: universo da educação não-formal* (2a ed.). Editora Itaú Cultural. <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>

Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência. (2020). *Guia “Mulheres com Deficiência: Garantia de Direitos para Exercício da Cidadania”*. <https://drive.google.com/file/d/1sS_5cg5sL0ONs2qtDIk4v8sNgCcUprg7/view>

Lapa, Andrea Brandã, Coelho, Isabel Colucci, & Schwertl, Simone Leal (2015). As redes sociais como um espaço público educador. In: *Anais da XXXVII Reunião Anual da ANPED: PNE – tensões e perspectivas para a educação pública brasileira*, 1, 1-19. <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/redes-sociais-como-um-espaco-publico-educador>

Mello, Anahi Guedes de (2014). Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: Uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182556>

Pesce, Lucila Maria de Oliveira & Abreu, Claudia Barcelos de Moura (2013). Pesquisa Qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 19-29. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.v22.n40>

Rodrigues, Eduardo Santos Junqueira, & Paz, Tatiana Santos da. (2019). Ativismo em rede e pedagogia decolonial articulados por mulheres negras no Youtube. *Revista Teias*, 20, 22-39. <https://doi.org/10.12957/teias.2018.29313>